



GT 01. A presença indígena na educação superior no contexto das universidades brasileiras: desafios na assistência estudantil e diálogos interculturais na formação profissional

Coordenador(es):

Marcos Antonio Braga de Freitas (UFRR - Universidade Federal de Roraima)

Carlos Kleber Saraiva de Sousa (UFC - Universidade Federal do Ceará)

Os povos indígenas têm ao longo da história de contato resistido aos diversos processos colonizatórios e dominação cultural. No contexto dessa resistência vem a luta pela garantia dos direitos sociais e culturais, destacando-se a questão do território, saúde, educação, entre outros. Entretanto, o recorte da proposta do GT é no campo das políticas públicas educacionais, com destaque para a educação superior como uma das formas de sua autonomia e resistência e fortalecimento identitário, sejam no âmbito das terras indígenas e/ou vivem e moram nas cidades. Destaca-se que a formação superior indígena no Brasil e na América Latina, a exemplo do México, Venezuela, Equador, Brasil, entre outras é uma realidade; tendo experiências exitosas no contexto da educação intercultural a partir dessa história de luta, resistência e os marcos legais. A formação intercultural indígena e as experiências em curso nas universidades brasileiras, a exemplo dos cursos de Licenciaturas Interculturais Indígenas e políticas de ações afirmativas com a presença indígena é uma realidade no contexto das políticas públicas das Instituições de Ensino Superior (IESs). A produção da literatura indígena e seus reflexos nos movimentos indígenas, nas escolas e comunidades indígenas são temas de discussões no GT a partir dos trabalhos de conclusão de curso e da própria formação profissional no âmbito das IESs.

Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas no Brasil: Ocupação e deslocamentos epistêmicos, políticos e culturais nas universidades

Autoria: Juliana Jodas (Comec)

A experiência das políticas de Ações Afirmativas nas universidades públicas do Brasil tem produzido transformações acadêmicas a partir da presença de povos indígenas no interior da estrutura universitária. O presente artigo aborda a experiência dos Encontros Nacionais dos Estudantes Indígenas (ENEI), evento acadêmico ocorrido anualmente organizado por estudantes indígenas universitários de todo o Brasil desde 2013 cujas temáticas abordadas são relativas a questões indígenas, educação e cultura. Compreendido como um momento de destaque e de articulação entre os estudantes indígenas, o evento acadêmico ENEI traduz diferentes formas de ocupar a universidade, seja fisicamente, epistemologicamente, a partir da proposta de novas discussões e temas de pesquisa, como politicamente, com a articulação de novas redes de apoio e visibilidade perante a comunidade acadêmica. A etnografia desses eventos foi realizada de forma multi-situada nos diferentes locais em que ocorreram os encontros a cada ano nas seis primeiras edições do evento, de 2013 a 2018. A análise dos Encontros Nacionais de Estudantes indígenas permite a compreensão de um importante espaço de produção de conhecimento: indígenas realizando reflexões sobre sua condição enquanto estudantes, pesquisadores e pós-graduandos. Acompanhar os eventos acadêmicos de estudantes indígenas nos faz compreendê-los enquanto estratégicos momentos de produção de conhecimento, reflexão, articulação política, questionamento e reconhecimento étnico não apenas perante a universidade, mas também como mobilização e fortalecimento interno. ?Ocupar a universidade e pintá-la de jenipapo e urucum?: era dessa forma que muitos estudantes iniciavam ou encerravam suas falas nos ENEIs ressaltando a importância de demarcarem fisicamente o espaço acadêmico com seus corpos e presenças e imprimirem



aspectos relativos as suas práticas, vivências e saberes no interior da universidade, tida enquanto território físico, mental e de conhecimento. A partir da etnografia de eventos, entendemos os diferentes sentidos de ocupar a universidade, a partir do espaço físico, mental, espiritual, performático e, também, epistemológico, por meio da produção de novas pesquisas. Encontramos nos eventos acadêmicos uma forma de perceber os vários sentidos que a universidade tem sido utilizada, significada e ocupada pelos estudantes indígenas, que compreendemos enquanto momentos de ocupação, celebração e visibilidade.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: